

*Vertentes e Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados***NA AULA DE “INGREIS”: HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
NO ENSINO DE LÍNGUA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA***Livia Chaves de Melo\**

**RESUMO:** Inserida no paradigma *indisciplinar* das pesquisas em Linguística Aplicada, neste trabalho, analisamos uma História em Quadrinhos (HQ) do personagem Chico Bento, intitulada “Na aula de ‘ingreis””, com o propósito de discutir como a HQ constrói possibilidade para a construção de representação sobre a prática de ensinar língua, ser professor, ser estudante e, os possíveis desdobramentos desse tipo de material diante dos leitores. Os estudos dialógicos da linguagem à luz de Bakhtin e de seu Círculo são utilizados como principais aportes teóricos. O trabalho se configura como uma pesquisa de natureza descritivo-interpretativa que segue uma abordagem qualitativa. Na HQ, temos a representação de um ensino de língua escolástico; uma professora reprodutora e aplicadora de conteúdo que se representa utilizando de castigos físicos, e estudantes que são os responsáveis pelo trabalho pouco produtivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo; Ensino de Línguas; História em Quadrinhos.

**Considerações iniciais**

Inserida no paradigma *indisciplinar* das pesquisas em Linguística Aplicada, campo consolidado do conhecimento que problematiza questões sociais envolvendo o uso da linguagem, nas mais diversas atividades do fazer humano e que vê o ensino de línguas como uma área de atuação, no presente artigo, analisamos uma História em Quadrinhos (doravante HQ) do personagem Chico Bento, intitulada *Na aula de “ingreis”*. Esta foi selecionada por provocar reflexões sobre o ensino formal de língua inglesa.

Temos como propósito de investigação discutir como a HQ selecionada constrói possibilidades para a construção de representação sobre a prática de ensinar língua, ser professor, ser estudante, e possíveis desdobramentos desse tipo de material diante dos leitores.

Os estudos da linguagem à luz de Bakhtin e seu Círculo são utilizados como principais aportes teóricos, tendo em vista que neste viés é possível explicar a produção de sentidos a partir da articulação da dimensão verbal e visual organizados “numa expressão material estruturada” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p. 118), constitutiva do gênero do discurso HQ.

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora da mesma Instituição.

O trabalho se configura como uma pesquisa de natureza descritivo-interpretativa que segue uma abordagem qualitativa.

Além das *Considerações iniciais* em que apresentamos a proposta do estudo, o artigo se constitui das seções *Ensino de língua na perspectiva dialógica da linguagem* e *Caracterização da História em Quadrinhos analisada* em que apresentamos uma reflexão sobre o estudo de línguas à luz de Bakhtin e seu Círculo e postulados acerca da dimensão verbal e visual constitutiva do gênero do discurso HQ. Nas seções *Caracterização dos personagens principais*, *Síntese da narrativa apresentada* e *Ensino de língua tematizado na HQ*, apresentamos os principais personagens da narrativa, uma das possibilidades de sua interpretação e tematizamos a representação sobre ensinar língua, ser professor e, ser estudante. Nas *Considerações finais*, tecemos algumas considerações que sumarizam os principais resultados do estudo. Por fim, temos ainda as seções *Referências* e *Anexos*.

### **Ensino de língua na perspectiva dialógica da linguagem**

No ensaio “Questões de estilística no ensino da língua”, escrito por Mikhail Bakhtin por volta dos anos 1940, período em que trabalhava como professor em escolas de Ensino Médio, no interior da Rússia, verificamos que, ainda na primeira metade do século XX, esse filósofo da linguagem já demonstrava que o ensino da gramática no contexto educacional de língua russa necessitava ser revisto, considerando uma certa estilística, articulada à gramática.

Para demonstrar a sua tese, no ensaio em questão, em uma síntese de anotações de aulas, Bakhtin descreve em detalhes os procedimentos utilizados para ensinar a estrutura do período composto por subordinação sem conjunção, um tipo sintático, atualmente, fora de uso, estudado no programa escolar nas aulas de língua russa.

A partir da análise de três excertos de obras literárias de escritores clássicos russos, Bakhtin (2013a) comprovou que a transformação do período para inserir a conjunção permitiu constatar que a expressividade emocional da frase foi retirada ou reduzida. Assumindo didaticamente um conceito dialógico de linguagem, Bakhtin (2013a) comprovou ainda que os usos de construções sem conjunções resultam em um enfraquecimento monológico da língua e no fortalecimento do aspecto dialógico.

Bakhtin (2013a) considera que, na prática educacional, o professor precisa oferecer explicações semânticas e estilísticas sistemáticas para as formas gramaticais ensinadas. Apesar da distância temporal e das diferenças de contexto educacional russo, as recomendações abordadas pelo autor ainda continuam atuais e bastante pertinentes para o ensino de qualquer língua.

Em vista disso, no ensino e aprendizagem de língua, materna ou estrangeira, em uma perspectiva dialógica de linguagem, o estudo dos elementos gramaticais pode partir das relações com os seus aspectos semânticos e estilísticos. Focar exclusivamente a dimensão formal da língua, isolada de seu significado prático, de acordo com Bakhtin (2013a), inevitavelmente, torna-se em mero “escolasticismo”. Nas palavras do filósofo:

As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo. [...] Na prática [...] o conteúdo das aulas de língua [...] é a gramática pura. (BAKHTIN, 2013a, p. 23)

E ainda:

A língua [...] – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 283)

Corroborando as afirmações de Bakhtin, não se aprende língua em manuais de gramática, nem em dicionários, tendo em conta apenas a dimensão formal e seu significado. Nós adquirimos a língua na interação espontânea, em uso, escapando da memorização de regras abstratas e descontextualizadas.

Uma alternativa para o estudo da língua de forma organizada, desencadeando a conscientização sobre o funcionamento da estrutura linguística, efetua-se por meio do trabalho com os gêneros do discurso, isto é, as formas típicas de enunciados temáticos, estilísticos e composicionais relativamente estáveis, às vezes, padronizados e estereotipados, às vezes, flexíveis e dinâmicos, abertos às condições concretas de uso.

Os gêneros do discurso são determinados “tipos relativamente estáveis de enunciados” que têm uma estrutura constituída por conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 262). O conteúdo temático é mais do que o assunto ou tópico principal de um texto. É o sentido do enunciado tomado em sua totalidade, sendo inseparável tanto da situação da enunciação como dos elementos linguísticos. O estilo verbal refere-se às escolhas linguísticas que fazemos para dizer o que queremos dizer, para gerar o sentido desejado. Essas escolhas podem estar relacionadas à seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. Por sua vez, a construção composicional refere-se a forma como o texto se molda. Liga-se à macroestrutura textual, à progressão temática, à

coesão e coerência do texto. A forma arquitetônica constitui a escolha da construção composicional (cf. BAKHTIN, 2003; ROJO; BARBOSA, 2015).

Bakhtin classifica os gêneros do discurso, em primários e secundários. Os primários são os gêneros com enunciados de estruturas simples, menos institucionalizados da vida cotidiana. São predominantemente, mas não exclusivamente, na modalidade oral do discurso. Os secundários, por sua vez, são os gêneros com enunciados de estruturas mais complexas, muitas vezes, aparecem em circunstâncias de comunicação cultural mais formalizadas e organizadas. São predominantemente, embora não necessariamente, escritos (BAKHTIN, 2003).

Compreendemos a HQ analisada neste trabalho, enquanto representante de gêneros do discurso, a qual constitui gênero secundário, pois é uma forma de comunicação cultural e mediação social, materializada em enunciados que articula a dimensão verbal e visual.

### **Caracterização da História em Quadrinhos analisada**

Como a questão que nos instiga neste trabalho é o estudo da língua, observamos a proposta pedagógica de uma professora de inglês, representada em uma HQ do personagem Chico Bento, intitulada *Na aula de “inglês”*.

Pela abordagem dialógica da linguagem assumida, reconhecemos que as relações dialógicas são possíveis entre diferentes signos ideológicos, sejam eles verbais ou visuais (cf. BAKHTIN, 2013b). Nesse sentido, a HQ analisada é constituída predominantemente por sequências narrativas justapostas em quadros que combinam a dimensão verbal (narrativa falada, colocada em balões) e visual (imagens com traços e certos movimentos, dando estilo de desenho animado), organizada em um único plano de expressão, numa combinação de materialidades, numa “expressão material estruturada”, utilizando-nos das palavras cunhadas por Bakhtin/Volochinov (2002, p. 118), já citadas aqui.

Sobre a dimensão verbal e visual da linguagem, que constitui diversos gêneros do discurso, esclarecemos que, a primeira é aqui ainda compreendida como o texto oral ou escrito, a palavra, isto é, o ponto de encontro entre os sujeitos interlocutores. Por sua vez, a dimensão visual refere-se à imagem. Há diversos gêneros do discurso em que a dimensão verbal e a dimensão visual aparecem articuladas, não podendo ser separadas na produção de sentidos (BRATT, 2013), a exemplo da HQ analisada neste trabalho, gênero do discurso pertencente à esfera artístico-literária.

Apesar de Bakhtin e seu Círculo terem feito referências bastante esparsas ao visual, destacamos que, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin reconhece que a abordagem dialógica pode ser possível com materiais imagéticos, quando destaca que “as relações

dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes” (BAKHTIN, 2013b, p. 211). Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2003) também considera ser possível a análise das relações dialógicas com os elementos semióticos de várias ordens, oriundas de áreas de estudo diversos. Sobre o assunto, o teórico afirma:

Se tomarmos o texto no sentido amplo de conjunto coerente de signos, também as ciências da arte (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) se relacionam com textos (produtos da arte). (...) Há uma complexa inter-relação do texto (objeto de estudo e reflexão) e do contexto emoldurador a ser criado pelo pesquisador que interroga, faz objeções etc. (BAKHTIN, 2003, p. 330)

Na segunda parte da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, no capítulo sobre “A interação verbal”, Bakhtin/Volochinov (2002) ao tratarem da relação entre atividade mental e enunciação, incluem o signo visual.

Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos.

Tudo isso lança uma nova luz sobre o problema da consciência e da ideologia. Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. [...] enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p.117-118)

Nessa obra, Bakhtin/Volochinov (2002) consideram a materialidade de expressão a palavra, o signo, o desenho, a pintura, o som musical, dentre outros. Em outra obra do Círculo, *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, Medviédev (2019, p. 48) contempla materiais de diferentes ordens semióticas advindos de “todos os produtos da criação ideológica – obras de arte, trabalhos científicos, símbolos e cerimônias religiosas etc.”

Na HQ analisada, é necessário que tanto a dimensão verbal como a dimensão visual sejam analisadas em sua totalidade, para compreender os sentidos valorativos expressos. Esta combinação verbo-visual interfere no conteúdo temático, no estilo verbal e na construção composicional, e tem como arquitetônica fundamental, a produção de humor.

Adiante, apresentamos, no Quadro 1, elementos que constituem a HQ<sup>1</sup> analisada.

---

<sup>1</sup> A HQ *Na aula de “ingreís”* está disponível para leitura no *Facebook* (<https://www.facebook.com/gibiversotv/> - GibiVerso), *Instagram* ([https://www.instagram.com/p/B9PXUgani\\_8/?igshid=13zndzop0y463](https://www.instagram.com/p/B9PXUgani_8/?igshid=13zndzop0y463) - Gibi'sTm), em forma de vídeo no *YouTube* ([https://www.youtube.com/watch?v=vho0rp\\_kSao&t=120s](https://www.youtube.com/watch?v=vho0rp_kSao&t=120s) – canal Jrxilu) e no anexo deste texto. Acesso em: agosto, 2021.

**Quadro 1** - Elementos que constituem a HQ *Na aula de "ingreis"*.

<b>Contexto de produção</b>	<b>Produtor:</b> equipe do quadrinista brasileiro Maurício de Sousa (MSP).
	<b>Leitores:</b> mais diretamente crianças, além de jovens e adultos.
	<b>Objetivo:</b> além de entreter, pode servir para educar e provocar reflexões sobre o ensino formal de língua inglesa.
	<b>Tempo e local de produção e circulação:</b> foi publicada pela primeira vez em 1985 (Chico Bento n. 82, Ed. Abril, outubro de 1985) e republicada em 1997 (Almanaque do Chico Bento n. 39, Ed. Globo, junho de 1997) em gibis impressos. Foram disponibilizados para venda em revistarias, supermercados, farmácias, armazéns, e outros estabelecimentos comerciais de fácil acesso aos leitores. Atualmente, a narrativa também é veiculada na Internet e está disponível no <i>Facebook</i> , <i>Instagram</i> e em forma de vídeo no <i>YouTube</i> .
<b>Conteúdo temático</b>	Chico Bento em uma aula de inglês e conflitos causados pelo desconhecimento do idioma pelo personagem.
<b>Marcas linguístico-enunciativas</b>	É construída por orações simples responsáveis pela representação da interação oral. Há o emprego do "caipirês" (ingreis, fessora, curtura, inscrevê, dentre outros exemplos) pelo personagem Chico Bento e, também, o português brasileiro culto por outros personagens.
<b>Construção composicional</b>	É construída predominantemente por sequências dialógicas responsáveis pela construção de uma narrativa (contempla personagens, espaço e tempo). São utilizados quadros combinando a dimensão verbal (escrita) e visual (imagem), portanto, a organização de enunciados se apresenta na materialidade verbo-visual. Além disso, possui título, textos estruturados em balões, e a palavra <i>fim</i> sinalizando o encerramento do enredo.

Fonte: autoria própria.

Na próxima seção, apresentamos características das principais personagens da HQ *Na aula de "ingreis"*, a partir de seus aspectos físicos.

### Caracterização dos personagens principais

O exemplar do Almanaque do Chico Bento n. 39 (Ed. Globo, junho de 1997), documento a partir do qual tivemos acesso ao episódio *Na aula de "ingreis"* (cf. anexo deste trabalho), possui catorze HQ dispostas horizontalmente, sendo finalizado por uma tira cômica vertical. Essa sequência com reunião de episódios horizontais, finalizada por uma tira vertical, configura-se como a forma padronizada de apresentação dos gibis. A publicação também apresenta anúncios publicitários intercalados com as narrativas quadrinizadas, além de histórias de outras personagens da mesma equipe de produção, dentre eles Horácio, Bidu, Anjinho e Jotalhão.

Chico Bento foi criado pelo cartunista Maurício de Sousa em 1961, mas só foi veiculado em 1963, em uma tira cômica do jornal *Diário de São Paulo*, quando fazia papel de coadjuvante dos amigos Hiro e Zé da Roça. O personagem fez tanto sucesso que acabou ganhando um espaço próprio e se tornou uma das estrelas da Turma da Mônica, conforme ilustrado adiante no trecho das páginas iniciais da primeira narrativa publicada do personagem, que recebeu o seu próprio nome. Antes disso, ele já aparecia nas revistas da Mônica e Cebolinha nos anos 1970 (PARRILLA, 2006).

**Maurício de Sousa:** Oi, Chico! Chamei você aqui pra falar de uma coisa muito importante pra nós dois! Agora vamos ter uma revista só pra falar de coisas da terra, da roça, de meninos como você! E, em sua homenagem, a revista vai se chamar... (...). É com essas coisas todas, tão humanas e brasileiras, que vamos fazer uma beleza de revista, gostosa de ler e de guardar! Que fale do lado simples do nosso povo, das minhas e das suas origens! / **Chico Bento:** Puxa, como o senhor fala difícil, seu Maurício! **Maurício de Sousa:** Desculpe, Chico! Às vezes, eu me esqueço de que você é uma criança de apenas sete para oito anos! (...). Primeiro, vamos mostrar pro pessoal que está chegando agora como você é, como vive, etc, etc... / **Chico Bento:** Intão vamo! Vamo começá pela minha casa! É aqui que eu moro com o pai, a mãe, meus bichinho e meus brinquedo! Esse é meu pai! Trabaia na roça iguarzinho meu avô e meu bisavô, que também foram rocêro a vida toda! E essa aí é a mãe! Boazinha, boazinha! Mais tem hora que perde a paciência comigo! / **Mãe de Chico Bento:** Oi, fio! Hoje vai tê bolo de mio do jeito que ocê gosta! Mais premero quero vê suas lição de casa! Sinão... / **Chico Bento:** Isso aí é das coisa que a mãe puxa, mermo! E esses aí são o Zé da Roça e o Hiroshi! Meus amigo mais antigo! (...) O Hiro é fio do japonês, dono da granja! O Zé é fio do vizinho, compadre do meu pai e meu padrinho! E esse aí é o Zé Lelé! (...) E lá adiante, um pouquinho longe de casa, fica a vila! Ah! Aqui na vila é que tem movimento! É só ficá esperando que a gente vê todo mundo passá por aqui! Ah! Lá vai seu Elias, da venda! O seu delegado! O padre Lino, da matriz! O Nhô Quinzinho, da farmácia! Acho que cabô o povo, hoje! Duro é vortá pra casa tarde da noite! Num é qui eu tenha medo di sombração ... lubisômi, essas coisa! O padre Lino mi diz qui isso tudo num inziste! Mais eu só mais a vó Dita, que jura qui já viu tudo isso com “esses zóio qui a terra há di cumê”! (...) Oba! Fejão cum côve!!! Ca fome qui eu tô ... (...) Dispois da reza, o meu gostoso corchão de capim! E minhas coberta di retaio qui a mãe feiz pra mim! Eu isquici di falá di arguém qui entra nas minha história... (...) A Rosinha! Qui, um dia, vai sê a minha namorada! Mais isso inda vai acontecê, um dia ... (...) (**Fonte:** Chico Bento n. 1, Ed. Abril, agosto de 1982)

O personagem focalizado vive uma vida simples em uma casa rústica e pequena no sítio, próximo da fictícia Vila Abobrinha, uma típica cidade caipira, do interior de São Paulo, com escola rural, igreja, pracinha, venda, farmácia, papelaria e poucas casas. Trata-se de um ambiente bastante calmo e pacato em que todos se conhecem pelos nomes. Tal representação é complementada com o falar caipira utilizado por Chico Bento e seus familiares. É uma representação artística de uma variedade linguística imaginada pelo seu idealizador, caracterizando moradores e trabalhadores do campo. A marcação é registrada em escolha lexical e em construções gramaticais.

É reconhecido por usar chapéu de palha com as pontas desfiadas, cabelos desalinha-dos, andar de pés no chão, vestir camiseta amarela e calça curta com estampas quadriculadas azul. Essas duas cores de suas vestimentas reafirmam as cores da bandeira brasileira, as quais simbolizam alguns dos elementos de nossa riqueza natural, o ouro e o céu de anil (cf. CÓR- RIO, 2006), conforme ilustra a Figura 1 adiante:

**Figura 1:** Chico Bento

**Fonte da imagem:** Oi, eu sou o Chico Bento (SOUSA; SILVA, 2002, p. 5)

Chico Bento estuda em uma escola rural e tem certa dificuldade em compreender o sentido dos conhecimentos científicos que lhes são ensinados, aquilo que não faz parte de seu cotidiano, de seus valores reais e autênticos. É um estudante que apesar de saber ler, escrever e fazer operações matemáticas, não é muito dedicado aos estudos. A sua professora, Dona Marocas, cujo nome nas histórias mais antigas já foi Dona Filomena, vive dizendo que ele precisa estudar.

O personagem foi criado baseado em um tio-avô de Maurício de Sousa, que ele não conheceu pessoalmente, mas sobre quem ouviu inúmeras histórias (SOUSA, 2007). Chico representa a pureza, a simplicidade e a falta de pressa que caracterizam a vida no campo. Em sua essência, possui algumas semelhanças às imagens de Jeca Tatu, famoso personagem de Monteiro Lobato, pois ambos são considerados tranquilos, não usam calçados e tipificam o homem do campo.

Chico é um dos coroinhas da igreja da Vila Abobrinha e costuma ajudar o Padre Lino nas missas aos domingos. Seu nome indica a devoção ao catolicismo: “Chico”, abreviação de Francisco, “Bento”, abençoado. Nas suas HQ, o personagem vive aventuras pelo campo, cuida dos animais e plantas do sítio e da mata, contempla a natureza, pesca, nada no rio, passeia montado em seu burrico, rouba goiabas no pomar do vizinho Nhô Lau, toca modas de viola, compõe repentes, descansa debaixo das árvores. Chico adora ouvir histórias de assombração contadas pela avó Dita na companhia de sua turma: Rosinha, Zé Lelé, Hiro, Zé da Roça e de muitos outros com quem vive aventuras incríveis. Lê os livros e gibis de sua estante e se apresenta preocupado com a preservação do meio ambiente.

No ano de 2014, Chico foi nomeado o protetor das nascentes do Rio Pantanal. Em 2020, foi nomeado embaixador do WWF-Brasil, uma organização brasileira dedicada à conservação da vida.

Apesar de circunscrever, em sua maioria, no cenário do campo, o espaço urbano também se apresenta como cenário diferenciado para as narrativas. Assim, são realçadas questões contemporâneas, por vezes, desafiadoras aos camponeses: pedestres circulando por ruas

movimentadas; uso de semáforos; espaços como restaurante, elevador, shoppings centers, metrô e escada rolante; usos do inglês no espaço público<sup>2</sup>; dentre outras.

Diferentes figuras representam os tipos citadinos nas histórias de Chico Bento, dentre os quais se destaca o Primo Zeca, morador da cidade grande. O personagem mora em um apartamento confortável na agitada capital de São Paulo e não sabe muito bem como funciona a vida na roça. Isso, muitas vezes, leva-o a alguns conflitos com Chico Bento. O personagem surgiu nos anos 1970 como um garoto sem nome, mais tarde viria a se chamar Toninho, Zé, até se figurar como Primo Zeca. Em algumas histórias é denominado apenas como “Primo” e, raramente, é chamado pelo próprio nome.

O Primo Zeca sofreu diversas modificações, até se cristalizar com suas características atuais. No início, era loiro e tinha sardas. Atualmente, é bastante despojado, tem um visual bem contemporâneo: usa cabelo penteado, calça jeans, camiseta e sapatos vermelhos, apesar de aparecer, vez ou outra, com modelos diferentes. Em sua fala, utiliza o português brasileiro conforme a norma culta da língua.

As histórias protagonizadas por Chico Bento e Primo Zeca, exibidos nas Figuras 2 e 3 adiante, representantes do campo e da metrópole, respectivamente, são representadas com realidades distintas em relação a valores, costumes e paisagens. Isso é mostrado, frequentemente, quando um vai passar as férias na casa do outro. Deparam-se com situações ou costumes diferentes da realidade experienciada por cada um, nos locais de origem.

**Figura 2:** Chico Bento



**Fonte da imagem:** Almanaque do Chico Bento n. 39 (Ed. Globo, junho de 1997)

---

<sup>2</sup> Os leitores brasileiros contam com os gibis da Turma da Mônica em português, inglês e espanhol comercializadas nas bancas do país. As HQ produzidas pela equipe de Maurício de Sousa (MSP) são traduzidas para mais de cinquenta idiomas e vendidas em mais de cento e vinte países, entre eles Estados Unidos, Itália, Espanha, Japão. Diferentemente da Turma da Mônica, as HQ e tiras cômicas de Chico Bento passam por um processo mais detalhado de tradução, pois o personagem possui características, costumes e linguagem marcantes. Em sua fala, usa uma representação artística de uma variedade linguística imaginada pelo seu criador, o “caipirês”. Assim, a MSP utiliza os quadrinhos de Li'l Abner, autoria de Al Capp como base para as traduções, em inglês, do material de Chico Bento. As histórias de Li'l Abner foram produzidas no período entre 1934 e 1977 e representa o típico caipira dos Estados Unidos (em inglês, *hillbilly*) (cf. LIBERATTI, 2012).

Figura 3: Primo Zeca



Fonte da imagem: Almanaque do Chico Bento n. 39 (Ed. Globo, junho de 1997)

Para uma melhor compreensão, caracterizamos comparativamente esses dois personagens a partir do Quadro 2. Os elementos elencados remetem o leitor a aspectos culturais caracterizadores da vida rural de Chico Bento e urbana do Primo Zeca. O primeiro personagem representa o homem do campo, preserva os valores e costumes tradicionais. Demonstram isso a fala utilizada, as tradições e cultura que englobam assuntos como festas tradicionais brasileiras (festa junina, festa agropecuária, quermesse, por exemplo), figuras folclóricas (Saci-pererê, Curupira, Iara, Mula-sem-cabeça, Lobisomem), dentre outros. No entanto, a urbanização, industrialização, crescentes meios de comunicação e transportes difundiram hábitos modernos de vida no campo, o que é mostrado pelo segundo personagem, porém, no cotidiano da metrópole.

Quadro 2 - Chico Bento e Primo Zeca: a vida no campo e na cidade

Chico Bento	Primo Zeca
Vive no ambiente rural - em uma casa rústica e pequena em um sítio próximo da fictícia Vila Abobrinha, no interior de São Paulo, composto por natureza preservada, rios, árvores, céu azul e várias espécies de animais.	Vive no ambiente urbano - em um apartamento confortável na agitada capital de São Paulo, cidade estressante, movimentada, com grandes prédios, céu acinzentado devido a fumaça e à poluição.
Na residência, não há sistema de água encanada (utiliza-se água da cisterna ou do rio), nem mesmo luz elétrica. A mobília e os utensílios são bem rústicos, tais como ferro à brasa, lampiões, lamparinas, pilão, fogão à lenha, cobertores de retalhos, colchões de capim. A privada, “casinha”, localiza-se no quintal. Os moradores costumam orientar-se sobre tempo por meio do sol e se deslocam de um lugar para outro a pé, montados em cavalos, ou em carroças, carroções, charretes.	No seu apartamento confortável, há água encanada, energia elétrica, gás, geladeira, aquecedor, telefone, ar-condicionado, fogão, secadora de roupa, ferro elétrico, banheiro com vaso sanitário, ducha, computador e muitos outros aparatos tecnológicos. Os moradores se deslocam de um lugar para outro a pé ou em carros, ônibus, metrô, entre outros meios de transportes.
Em sua fala, usa um léxico próprio, o “caipirês” – fala que é representada com desvios ortográficos.	Utiliza o português brasileiro de acordo com a norma culta da língua.
Utiliza um figurino simples, sem preocupação com o que está na moda ou não, usa chapéu de palha com as pontas desfiadas, cabelos desalinhados, anda de pés no chão, veste camiseta amarela e calça curta com estampas quadriculadas azul.	É um garoto com visual bem contemporâneo, usa cabelo penteado, calça jeans, camiseta e sapatos vermelhos, apesar de aparecer com modelos diferentes vez ou outra.
Estuda em uma escola rural e tem certa dificuldade em compreender o sentido dos conhecimentos científicos que lhes são ensinados na escola, aquilo que	Estuda em uma escola urbana. Nas aulas, sempre se mostra como um bom estudante, comportado e educado. Além do ensino regular, realiza outras

não faz parte de seu cotidiano, de seus valores reais e autênticos. É um estudante que apesar de saber ler, escrever e fazer operações matemáticas, não é muito dedicado aos estudos.	atividades complementares, a exemplo do curso livre de Língua Inglesa.
Apresenta-se de forma calma e paciente.	Mostra-se impaciente, irritado e sempre apressado.
Consome alimentos saudáveis cultivados no próprio sítio: verduras colhidas na horta, ovos fresquinhos, peixes fresquinhos pescados no rio do sítio.	Consome alimentos comprados em supermercados, prontos e embalados em caixas ou sacos plásticos, muitos dos quais, cheios de agrotóxicos ou conservantes.
Cuida dos animais, plantas do sítio e da mata, contempla a natureza, pesca, nada no rio, passeia montado no burrico, rouba goiabas do pomar do vizinho Nhô Lau, toca modas de viola, compõe repentes, descansa debaixo das árvores, namora a Rosinha, brinca com os seus amigos, lê os livros e gibis de sua estante, participa das festas da Vila Abobrinha (festas juninas, agropecuárias, quermesses da igreja), ouve histórias de assombração contadas pela sua avó Dita.	Visita o shopping center, realiza compras, assiste TV, ouve músicas no seu ipod, usa o computador, celular, e tablet para jogar, conversar com seus amigos e acessar as redes sociais ( <i>Twitter, Facebook, Instagram, Whats:App</i> ).
Mora com os pais e é filho único, situação que não é tão comum aos moradores do campo, os quais têm uma quantidade maior de filhos que costumam participar das tarefas diárias.	Mora com os pais e é filho único.

Fonte: autoria própria<sup>3</sup>

Na seção adiante, apresentamos uma síntese da narrativa *Na aula de “inglês”*. Na sequência, observamos a proposta pedagógica da professora de inglês, representada na HQ.

### Síntese da narrativa apresentada

A HQ *Na aula de “inglês”* inicia-se com Chico Bento e o Primo Zeca na cidade, andando na rua a pé, em uma certa manhã de céu aberto e azul. Com um caderno debaixo do braço e caminhando apressadamente, Zeca explica a Chico que só poderá mostrar a cidade a ele após a aula de inglês. Assim, convida-o a ir à aula. Chico aceita o convite todo satisfeito, assim como demonstra a linguagem verbal (*Oba! Quero, sim!*) e visual (expressões faciais e corporais).

No caminho, em direção ao curso de Inglês, Zeca questiona a possibilidade de Chico também aprender a falar inglês. Por compreender tudo ao pé da letra, Chico informa que já sabe e comprova isso ao dizer: “*inglês*”. Zeca esclarece que inglês é uma língua e, atualmente, é muito importante falar várias línguas. Com isso, Chico põe toda a sua língua para fora da boca, certamente, imaginando como seria ter várias línguas.

<sup>3</sup> Para mais detalhes, conferir a HQ *Privilégios da Cidade* (Chico Bento n. 1, Ed. Panini, janeiro de 2007) e os vídeos *Chico Bento no Shopping* (<https://www.youtube.com/watch?v=Gj4q0zAIw3I>); *Na roça é diferente* ([https://www.youtube.com/watch?v=Bfx\\_E3zvnjc](https://www.youtube.com/watch?v=Bfx_E3zvnjc)) - Acesso em: agosto, 2021.

Ao chegar no local do curso, sentado em uma carteira, na sala de aula, Chico pede esclarecimento ao Primo Zeca a respeito da possibilidade de possuir tanta língua na boca (*Primo! Como é qui pode cabê tanta língua na boca da gente?*), mas, o primo logo solicita o silêncio, pois a professora já estava a caminho da sala.

Ao adentrar à sala de aula, Mrs. Bonotti, a professora, cumprimenta os estudantes em inglês (*Good morning, Children!*). Em coro, os estudantes respondem ao cumprimento no idioma (*Good morning, Mrs. Bonotti!*). Em seguida, com um giz, a professora escreve no quadro negro o dia da semana, mês e a data da aula (*Today is Wednesday, November the 12th*). E, avisa que iniciariam o estudo de uma outra lição.

Atento a tudo, Chico cochicha ao ouvido do primo que a professora não sabe falar, nem sequer, escrever (*Primo! Essa fessora num sabe nem fala nem iscrevê dereito!*). E assim, todos aprenderão de forma incorreta. Irritado e discordando da opinião, o Primo Zeca, em voz baixa, pede ao garoto para ficar quieto.

Na sequência, Mrs. Bonotti solicita aos estudantes para repetirem com ela as palavras em inglês, escritas no quadro (*Somebody, Anybody, Nobody*) e eles seguem o comando da professora. Por continuar sem compreender o que seria uma aula de inglês, Chico Bento associa a fala da professora a possíveis enunciados com valor sonoro semelhante em língua portuguesa. Todo feliz, ele explica que “*di bode*” entende, entretanto, a palavra está escrita errada, pois se fala “*some, bode!*” e, não, “*sambari!*” (*Ei, fessora! Di bode eu intendo! Mais tá iscrito errado! / I a gente fala é "some, bode!" i não "sambari!"*). Após isso, a professora o instrui, em inglês, a calar-se (*shut up!*).

O personagem Chico Bento compreende que a professora o ofereceu xarope (*xarap?*), não aceita e a agradece, alegando não estar com tosse. Incomodado com a situação, Zeca esclarece que Mrs. Bonotti pediu a Chico para ficar quieto. Chico questiona ao primo como a entenderá, considerando que a professora não fala “*qui nem gente*” (*I como é qui ocê qué qui eu intenda? Inda si ela falasse qui nem gente!*). Mas, é orientado a consultá-la quando tiver dúvidas.

Então, Chico levanta a mão e chama a professora (*Fessora! Fessora!*). Zeca diz que ela só atende por “*teacher*”. Chico acha isso muito estranho, mesmo assim, diz: *Ei, lagartixa!*. Furiosa, imediatamente, Mrs. Bonotti o puxa pela orelha (cf. as estrelas, metáforas visuais, acima das orelhas de Chico Bento que indicam dor) e, deixa-o de castigo, em uma cadeira reservada no canto da sala, próximo ao quadro negro. Curiosamente, o personagem questiona o fato de ele ter sido considerado o “burro” da sala. Enquanto isso, os estudantes continuam a aula lendo e repetindo frases do livro de inglês (*Mary has such a beautiful dress that...*), sob o comando da professora.

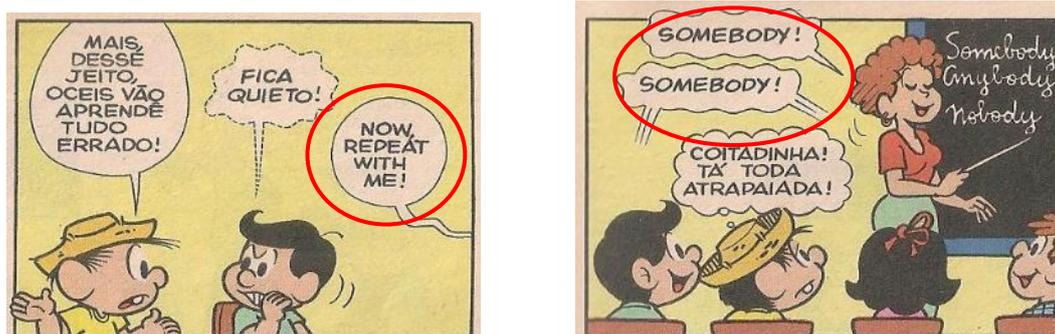
Em vista disso, Chico supondo que se a sua professora, a Dona Filomena, ouvisse aquilo, todos os estudantes teriam que voltar para o primeiro ano. Gentilmente, resolve ajudá-los. Com a sua cartilha em mão, *Caminho Leve*, uma alusão à conhecida cartilha *Caminho Suave*, sem demora coloca a professora Mrs. Bonotti para ficar sentada em seu lugar e, os orienta a repetir com ele as frases do material didático (*I agora repitam cumigo! A bola do bebê é bonita!; Didi joga o dado para Dudu!; A vovó viu a uva!; Um tigre, dois tigres, três tigres...*).

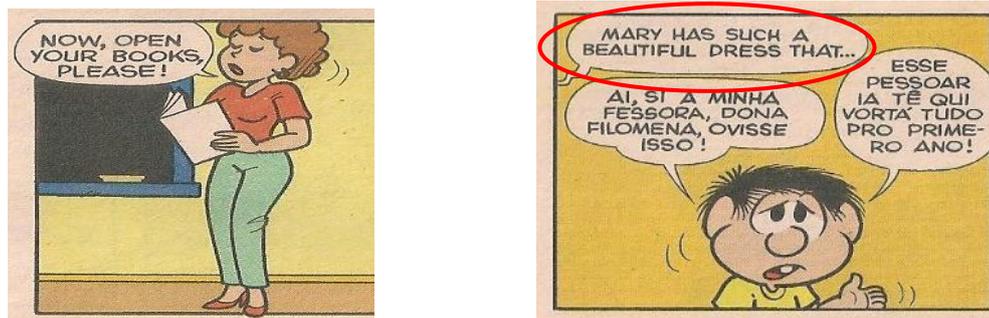
A professora, enfurecida com a situação, atitude expressa em sua face e postura corporal (cf. a onomatopeia que indica ruídos de raiva/rosnado com os dentes cerrados - GRRRRR!), conforme demonstram a linguagem verbal e visual, dessa vez utiliza-se do português “bem claro” para ordenar a Chico Bento e ao Primo Zeca que parem de atrapalhar a sua aula, os empurra para fora da sala e, bate à porta (cf. a onomatopeia *BLAM*, ruído utilizado para marcar a batida da porta). Desapontado, no desfecho da narrativa, Zeca reclama com Chico pelo vexame que passou. Ingenuamente, Chico argumenta que o mais importante é ter conseguido ensinar a professora a falar certo outra vez, ou seja, em português. E alega que mesmo assim, ainda dizem que ele é que não tem “*curtura*” ou cultura.

### Ensino de língua tematizado na HQ

Ao analisarmos os procedimentos utilizados pela professora na HQ, para ensinar a língua inglesa, podemos observar um conjunto de práticas de educação escolarizada. Nos quadros adiante, conforme a leitura nos permite compreender, a linguagem verbal (*Now, repeat with me! / Somebody! Somebody / Now, open your books, please! / Mary has such a beautiful dress that ...*), juntamente com a linguagem visual que compõem a sequência narrativa, reforçam que o estudo do conteúdo curricular, os pronomes indefinidos (*Somebody, Anybody, Nobody*), não observa a língua viva. A ênfase do ensino está em uma prática mecânica de repetição, memorização de conteúdo e execução de exercício, sinalizando vozes do ensino tradicional. Tais proposições podem ser caracterizadas como mero “escolasticismo”, no termo utilizado por Bakhtin (2013a).

Figura 4: Aula de Inglês





**Fonte:** Almanaque do Chico Bento n. 39 (Ed. Globo, junho de 1997), Vinhetas 9, 10, 18 e 19

O procedimento metodológico adotado pela professora para o ensino da língua inglesa, apresenta algumas semelhanças às orientações da abordagem gramática e tradução e da abordagem direta<sup>4</sup>. O estudo das formas da língua acontece de forma dedutiva, ou seja, parece partir da regra para o exemplo. Tanto a professora quanto os estudantes usam a língua inglesa na sala de aula durante as interações, sem recorrer à tradução, à exceção do personagem Chico Bento, que demonstra ignorar o contexto do ensino de língua estrangeira.

Em acordo com Bakhtin (2013a), acentuamos que no ensino da língua é importante considerar o estudo das formas (*Somebody, Anybody, Nobody*) em consonância com os seus aspectos semânticos e estilísticos. Não basta aos estudantes o reconhecimento de palavras e frases descontextualizadas (*Mary has such a beautiful dress that...*). É preciso também enfatizar a observação dos fatos da língua, a formulação de hipóteses para explicar os fatos, o raciocínio lógico para obter e/ou criar conhecimentos e resultados (cf. PERINI, 2014). E ainda, familiarizar os estudantes com as práticas de uso da língua, principalmente da leitura e da escrita para transitar por diferentes domínios sociais.

Nos quadros adiante, outro aspecto a ressaltar é quanto aos castigos físicos. Embora estivessem proibidos por lei (cf. o Artigo 17 do Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA] - lei de n. 8.069, de 1990; os Artigos 18-A, 18-B e 70-A, acrescidos ao ECA - Lei da Palmada, n. 13.010, de 2014), ainda no século XX, eles vigoravam nas práticas escolares. Conforme a leitura nos permite compreender, os castigos aplicados ao personagem Chico Bento pareciam estar dentro da normalidade, na circunstância sócio-histórica em que a HQ foi produzida.

<sup>4</sup> A abordagem gramática e tradução consiste no ensino da segunda língua pela primeira, na memorização de lista de palavras, no conhecimento das regras necessárias para juntar palavras em frases e exercícios de tradução. É uma abordagem dedutiva, partindo sempre da regra para o exemplo. Por sua vez, a abordagem direta, o princípio fundamental é que a língua-alvo se aprende através da língua-alvo. A língua materna nunca deve ser usada na sala de aula. Usa-se gestos e gravuras para a transmissão do significado, sem jamais recorrer à tradução. A gramática e os aspectos culturais da língua-alvo são ensinados indutivamente. A técnica da repetição é empregada, para o aprendizado automático da língua (cf. RICHARDS; RODGERS, 2011).

Nesse sentido, a HQ critica acontecimentos históricos de um ensino que pune (puxão de orelha – castigo - retirada forçada da sala de aula).

Representa-se uma professora utilizando-se de castigos físicos, para compreender o que se passava na sala de aula. Num contexto real, considerando a atitude da professora, a turma poderia rir do colega, provocando o que, atualmente, compreende-se por *bullying*. Esses tipos de punições serviam como exemplo para os demais estudantes evitarem sair da normalidade, para exigir ordem e disciplina. Sobretudo, as punições são equívocas, e não trazem benefícios à formação dos sujeitos. É importante manter o diálogo, a conversa nas relações humanas (cf. FREIRE, 2000).

Figura 5: Castigos na aula de inglês



Fonte: Almanaque do Chico Bento n. 39 (Ed. Globo, junho de 1997), Vinhetas 17, 18 e 27

Nas imagens adiante, ressaltamos ainda os saberes de Chico Bento sobre ensinar. Como vimos, o personagem ao compreender que a professora de inglês estava ensinando errado aos estudantes, resolve ajudá-los. Para isso, faz uso das lições de alfabetização guiado pela cartilha *Caminho Leve*. Faz-se alusão à cartilha *Caminho Suave*<sup>5</sup> (LIMA, 2015), material

<sup>5</sup> A cartilha *Caminho Suave*, produzida por Branca Alves de Lima, a partir do método silábico, foi publicada pela primeira vez em 1948, pela Editora Caminho Suave Limitada. No ano de 2015, foi disponibilizado a 132ª edição, Renovada, ampliada e atualizada com o Novo Acordo Ortográfico. O material didático influenciou gerações de professores e estudantes e tornou-se *best-seller* de cartilha no Brasil. Propõe um método de alfabetização pela imagem, unindo a letra inicial de palavras-chave às ilustrações que representavam a forma da letra, como, o “g” associado ao rabo do gato, o “l” ao cabo da laranja, seguida de palavras soltas e frases criadas para focalizar famílias silábicas (cf. PERES; VAHL; THIE, 2016).

didático que apresenta lições com práticas mecânicas de alfabetização, envolvendo repetição, memorização e estudo da língua a partir de palavras ou frases.

Figura 6: o uso da cartilha *Caminho Leve*



Fonte: Almanaque do Chico Bento n. 39 (Ed. Globo, junho de 1997), Vinhetas 21, 24 e 25

Chico Bento utiliza-se das mesmas estratégias didáticas tradicionais empregadas pela professora de inglês para ensinar, porém, a língua portuguesa, a partir da proposição de exercícios de repetição de frases isoladas e do uso de um trava-língua (*Um tigre, dois tigres, três tigres. Três tristes tigres*). É válido destacar que, o uso pequeno de textos com repetições é bastante recomendado na alfabetização de crianças, pois auxiliam no processo de conscientização fonológica.

Destacamos no Quadro 3, e na sequência das imagens na Figura 7, os vocábulos em inglês utilizados pela professora Mrs. Bonotti e o Primo Zeca, os quais não foram compreendidos corretamente por Chico Bento, causando alguns conflitos entre os personagens.

Quadro 3 - Vocábulos pronunciados e como foram compreendidos

Vocábulos pronunciados	Vocábulos compreendidos
Somebody	Some, bode = bode
Shut up	Xarap = xarope
Teacher	Lagartixa

Fonte: autoria própria

**Figura 7:** Vocábulos compreendidos incorretamente pelo personagem Chico Bento



Fonte: Almanaque do Chico Bento n. 39 (Ed. Globo, junho de 1997), Vinhetas 11, 12, 14 e 16

Os vocábulos destacados, compreendidos incorretamente por Chico Bento, possivelmente se deve as semelhanças existentes entre os sons de termos pertencentes a língua inglesa e a língua portuguesa. Além do mais, o personagem Chico não possui familiaridade com o falar em inglês, por isso, considera a pronúncia literal, o que é reforçado no decorrer de toda a narrativa.

Esses fatos contribuem para o efeito humorístico da narrativa, *Na aula de "ingreis"*. O riso do leitor, é uma atitude responsiva esperada, a partir da leitura da dimensão verbal e visual em associação. Além de entreter, a HQ em destaque pode servir para educar e provocar reflexões sobre o ensino formal de língua inglesa.

### Considerações finais

No presente texto não tivemos a pretensão de propor um percurso para a leitura da HQ *Na aula de "ingreis"*, e muito menos de esgotar o assunto apresentando uma análise exaustiva e absoluta. Cabe a cada leitor elaborar o seu próprio percurso.

Na HQ analisada temos a representação de um ensino de língua escolástico, com ênfase em uma prática mecânica de repetição, memorização de conteúdo e a execução de exercício; uma professora de inglês que é reprodutora e aplicadora de conteúdo, desatenta ao que

se passa na sala de aula, ignora os possíveis ajustes na prática profissional em função dos estudantes e, representa-se utilizando de castigos físicos. Os estudantes seriam os responsáveis pelo trabalho pouco produtivo.

Temos ainda o uso da cartilha, na aula representada na HQ, um ator importante em sala de aula que nos leva a compreensão de que o sucesso do ensino não está condicionado exclusivamente ao agir do professor. Os materiais didáticos são importantes, mas, por si só não resolvem os problemas relacionados à aprendizagem de língua, porém, são ferramentas pedagógicas que podem acompanhar as aulas e, ainda, podem servir para consulta e estudo reflexivo para além da sala de aula.

Considerando que a HQ se trata de uma publicação de amplo alcance, para os especialistas na área de língua(gem), o episódio em destaque pode servir para provocar reflexões sobre o ensino formal de língua inglesa. Sobretudo, para os não especialistas, pode fortalecer ainda mais os discursos negativos sobre ser professor, ser estudante e o ensino tradicional de língua.

Por fim, com base na HQ, questionamo-nos: Por que é importante falar “ingreis”? ou inglês? Sobre o assunto destacamos que, o domínio da língua inglesa contribui para o acesso a conhecimentos diversos em inúmeros espaços sociais. O inglês é uma língua franca, língua globalizada, das mídias, do entretenimento. É um instrumento de sobrevivência no mundo contemporâneo. Aprender esse idioma é fundamental no exercício de muitas profissões e útil na construção do conhecimento no mundo universitário e nas redes de comunicação. No entanto, não podemos ignorar o peso da sócio-história, em termos de colonização violenta que essa língua exerceu e exerce no mundo, e considerar somente os benefícios que seu acesso fornece em um planeta globalizado (cf. PHILLIPSON, 1992).

#### IN THE “INGRICHÍ” CLASS: COMICS IN LANGUAGE TEACHING FROM A DIALOGICAL PERSPECTIVE

**ABSTRACT:** Within the interdisciplinary field of Applied Linguistics, in this research we analyze a comic from Chuck Billy named In the “ingrichí” class, with the purpose to discuss the way the comic builds possibilities for the construction of representation about the practice of teaching language, being a teacher, being a student and the possible consequences of this type of material for the readers. Dialogical studies of language according to Bakhtin’s perspective and his Circle’s is the theoretical apparatus that guided this research. The analysis is descriptive-interpretive and follows a qualitative research approach. The comic has the representation of scholastic language teaching; a teacher who reproduces and applies content, represents herself using physical punishment and the students who are responsible for the unproductive work.

**KEYWORDS:** Dialogism; Languages Teaching; Comics.

**REFERÊNCIAS**

- \_\_\_\_\_. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b.
- \_\_\_\_\_. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Equipe de tradução: Aurora F. Bernardini; José P. Júnior; Augusto G. Júnior; Helena S. Nazário; Homero F. de Andrade. 5ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. In: *Bakhtiniana*, São Paulo, 8 (2). p. 43 – 66, ju./dez., 2013.
- CÓRIO, Maria de Lourdes Del Fáveri. *O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto: um elo entre a tradição e a modernidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Marília–SP. São Paulo, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 7ª edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- KLEIMAN, Angela. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: Manoel Luiz Gonçalves Corrêa; Françoise Boch (orgs.). *Ensino de língua: representação e letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p. 75-91.
- LIBERATTI, Elisângela. *Ara, Chico; An, Chuck: uma tradução funcionalista de quadrinhos do Chico Bento*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2012.
- LIMA, Branca Alves. *Caminho Suave*. 132ª edição. São Paulo: Caminho Suave Edições, 2015.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2019.
- PARRILLA, Franciele Aline. *Chico Bento, um caipira do campo ou da cidade?: a representação do espaço rural e urbano e de seus habitantes na revista em quadrinhos do Chico Bento (1982-2000)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2006.
- PERES, Eliane Teresinha; VAHL, Mônica Maciel; THIE, Vania Grim. Aspectos editoriais da cartilha *Caminho Suave* e a participação da Editora Caminho Suave Limitada em programas federais do livro didático. In: *Rev. bras. hist. educ.*, Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), p. 335-372, jan./abr., 2016.
- PERINI, Mário. Defino minha obra gramatical como a tentativa de encontrar respostas às perguntas: por que ensinar gramática? Que gramática ensinar? In: NEVES, Maria Helena Moura; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Gramáticas contemporâneas do Português*:

com a palavra, os autores – Evanildo Bechara; Maria Helena Mira Matheus; Mário Perini; Maria Helena de Moura Neves; José Carlos Azevedo; Ataliba Teixeira de Castilho; Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PHILLIPSON, Robert. *Linguistic Imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

RICHARDS, Jack; RODGERS, Theodore. *Approaches and Methods in Language Teaching*. 18th printing. New York: Cambridge, 2011.

ROJO, Roxane.; BARBOSA, Jacqueline P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOUSA, Maurício. *Almanaque do Chico Bento*. São Paulo: Editora Globo, n. 39, 1997.

\_\_\_\_\_. *Chico Bento*. São Paulo: Editora Abril, n. 1, 1982.

\_\_\_\_\_. *Chico Bento*. São Paulo: Editora Abril, n. 82, 1985.

\_\_\_\_\_. *Chico Bento*. São Paulo: Editora Panini, n. 1, 2007.

\_\_\_\_\_. *Maurício de Sousa: Biografia em quadrinhos*. São Paulo: Editora Panini, 2007.

SOUSA, Maurício; SILVA, Yara Maura. *Oi, eu sou o Chico Bento*. São Paulo: Editora Globo, 2002.

*Recebido em: 25/08/2021.*

*Aprovado em: 21/02/2022.*

ANEXOS

